

ISSN 2675-7281

Volume 05 - Nº 25, Fevereiro/2024

# [عقم]CORPOS

revista pós-pornográfica de fotografia





Esta revista leva o selo DUOCU,  
formado pelos artistas  
Bruno Novadvorski &  
Chris, The Red  
[www.duocu.art.br](http://www.duocu.art.br)



editorial

Mais um ano começa e, neste quinto ano da revista [pós]CORPOS, vamos transitar por nossos fetiches. Em 2024, a cada edição, um novo ensaio fotográfico com pessoas convidadas e que foram fotografadas vivenciando seus fetiches, seus desejos. Somos seres fetichistas e vivenciá-los é nos dar a oportunidade de nos descobrir cada vez mais, seja pelo uso de uma lingerie, de um dildo, de um tapa na cara ou uma mão enfiada no cu, todas as possibilidades são bem-vindas (consentidas, claro) e nos

**Direitos e Comprometimento:**

*As imagens constantes na [pós]CORPOS® são de autoria do seu criador - Chris, The Red - e por outros artistas que, gentilmente, as cederam para serem publicadas com as devidas permissões de direitos autorais.*

*A [pós]CORPOS® está comprometida com artistas e todos os direitos autorais estão reservados. Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do editor-chefe da [pós]CORPOS ou do artista.*

*Outras imagens - que possam ser utilizadas - são livres de direitos autorais. No entanto, se houver uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato.*

São Paulo - SP

[pós]Corpos© é uma publicação bimestral idealizada e criada pelo designer gráfico, artista visual e fotógrafo Chris, The Red, co-fundador do DUOCU em parceria com o artista visual Bruno Novadvorski.

[\[www.thered.com.br\]](http://www.thered.com.br)

Volume 05, Nº 25, Fevereiro/2024 (ISSN 2675-7281)

**Edição e Redação** Chris, The Red **Capa** Chris, The Red (fotografia) **Ensaio Fotográfico Principal:** Chris, The Red **Corpas Falantes:** Helena Motta **Ensaios Pornossexualgráficos:** Bruno Novadvorski **Logotipo** The Red Studio by Chris, The Red **Projeto Gráfico e Direção de Arte** The Red Studio by Chris, The Red

permitirmos experimentá-las, senti-las é um passo a mais na construção de nossos eus, pois além de várias outras coisas, somos nossos desejos. Na coluna Corpas Falantes, uma entrevista com a artista visual carioca Helena Motta falando sobre ser artista, mulher e ir para a rua. E nos Ensaios Pornossexualigráficos, uma mistura da imagem e da escrita. Há algumas semanas, chegou até mim o livro *A chave de casa eu guardo onde?*, de autoria do artista Órion Lalli, por meio de um projeto criado por ele de nome Livro Rodado, onde cada pessoa fica algumas semanas com o livro e depois, passa adiante. No livro, Órion conta tudo que aconteceu com ele desde a censura que sofreu no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro, passando pelas perseguições e ameaças por políticos e seguidores bolsonaristas até o momento que precisou se refugiar em outro país para continuar vivo. Aproveito este momento com o livro e convido meu marido, o artista visual Bruno Novadvorski para registrar estes meus momentos junto com Órion, com sua história. Junto com o ensaio, a carta que escrevi para Órion ano passado. 2024 chegou e o que posso pedir é que você continue comigo nesta caminhada. <3

## Chris, The Red

bixa designer gráfico artista visual

fotógrafo editor-chefe



### Nota do editor

Esta é uma publicação de arte e fotografia que contém cenas de nudez, sexo explícito e genitais. Consulte com cuidado caso sinta-se ofendido. Todas as imagens presentes nesta publicação são de autoria do editor/criador Chris, The Red. Assim, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem prévia autorização.

Se tiver interesse de participar como modelo nos ensaios fotográficos das próximas edições, entre em contato: [conexao@duocu.art.br](mailto:conexao@duocu.art.br)



Laialex por Chris, The Red (Rio de Janeiro, 2023)

# **Agradecimentos**

Pedro

Helena Motta

Bruno Novadvorski

Órion Lalli

# Somos Nossos

# Desejos... Também

## com Pedro

por Chris, The Red





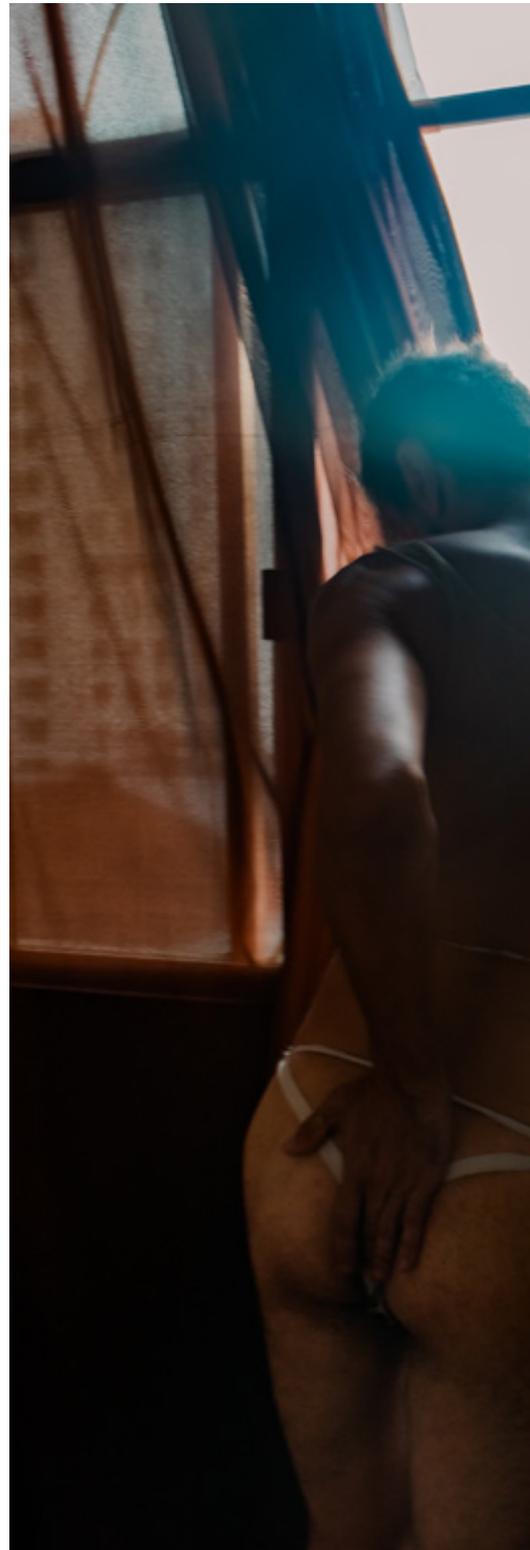










































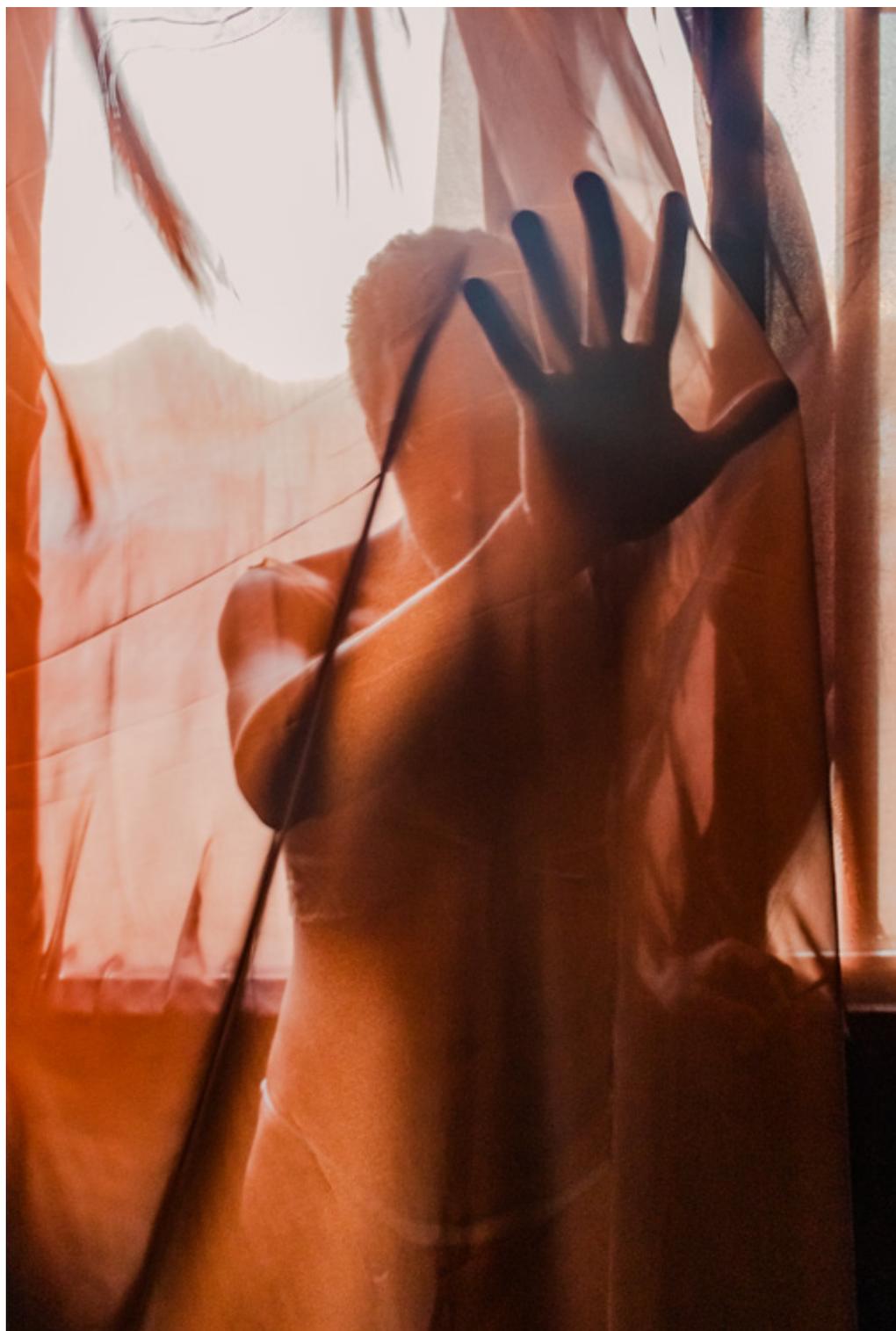


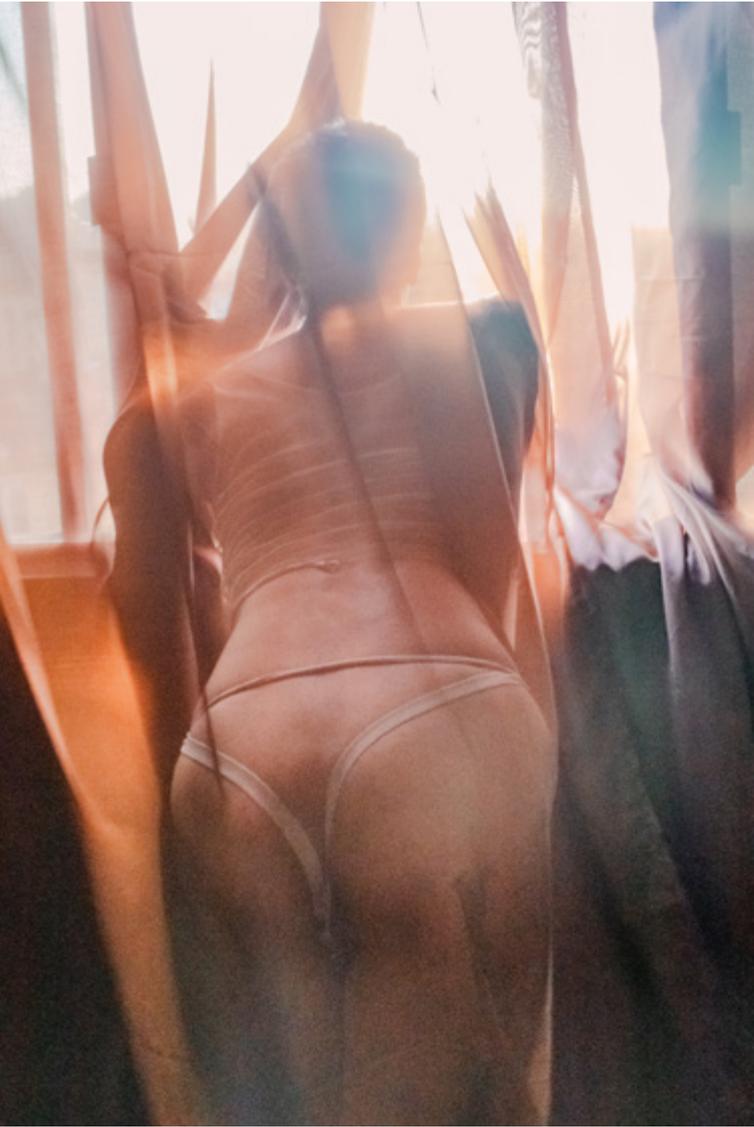


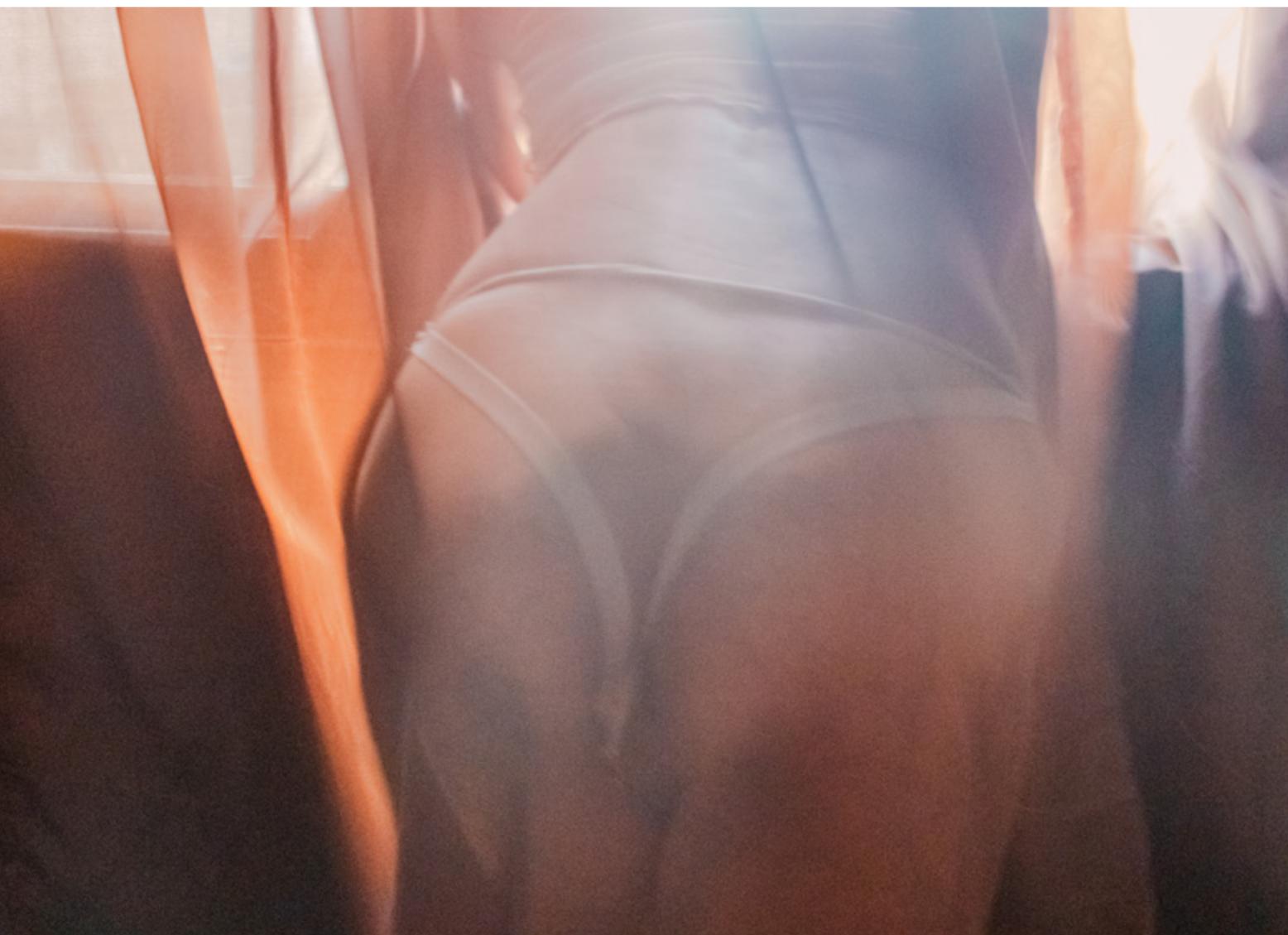


















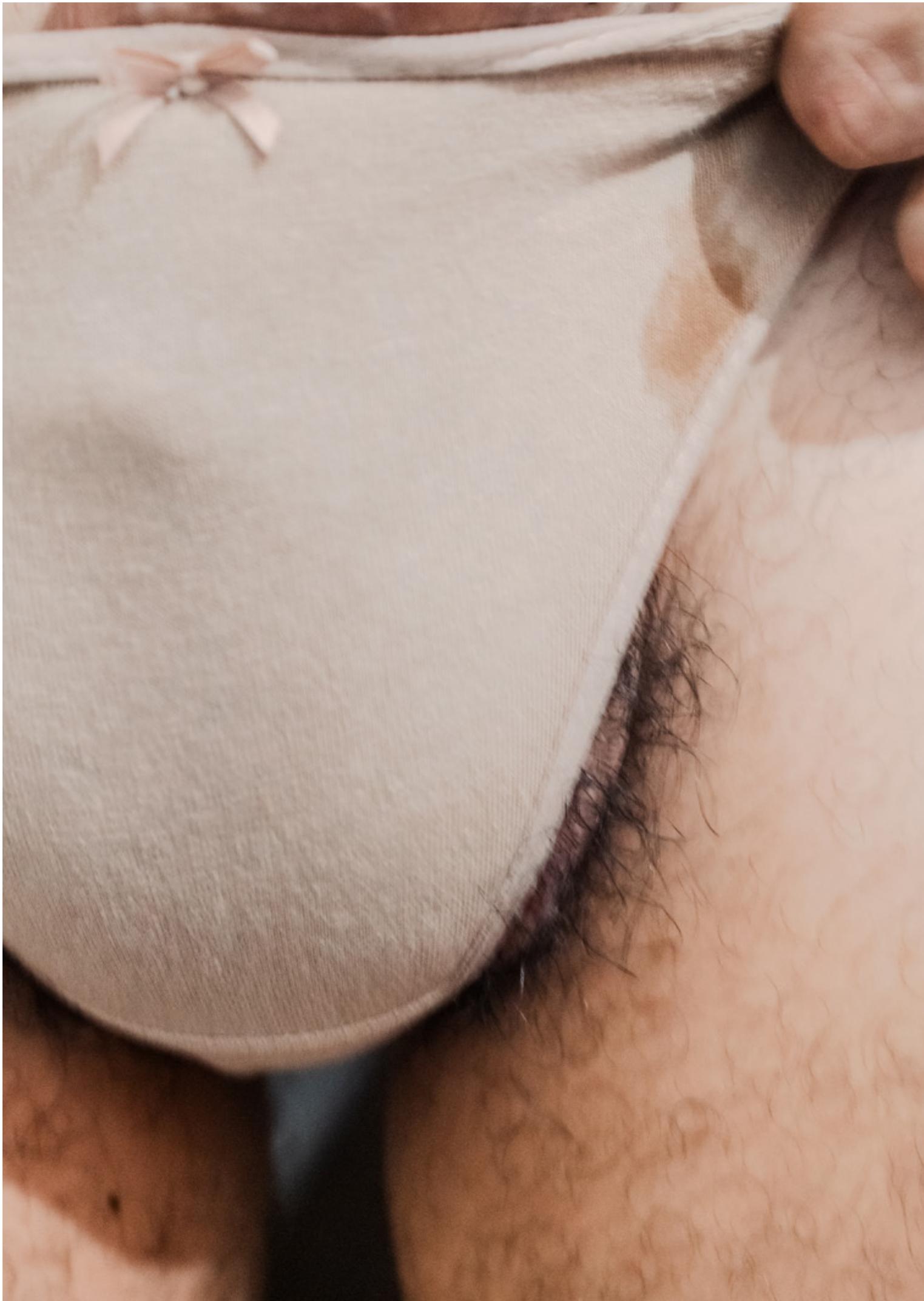




























[pós]CORPOS: Pedro  
Fotografia: Chris, The Red  
Rio de Janeiro/RJ, 2024

 @chris.thered

# CORPAS FALANTES

# Entre a Marieta e a Maria e a Helena tem a Maria Helena

**Chris, The Red entrevista  
Helena Motta**



**Autorretrato II**  
2021  
20 X 20 X 20cm  
Acrílico e argila  
Foto: Chris, The Red (Rio de Janeiro/RJ, 2024)

Numa tarde chuvosa na cidade do Rio de Janeiro, eu me encontrei com a artista Helena Motta, no Centro Cultural dos Correios, no qual ela estava participando da exposição *Afetos Insurgentes: Corpos em Conexão*, com duas obras: série *Marieta e Autorretrato II* e, diante de suas obras, batemos um papo gostoso sobre ser artista, sobre ser artista mulher, sobre sexualidade, caminhar e muito mais. Confira.

**Chris, The Red:** quem é a Helena? Como que essa Helena se desdobra como Helena artista?

**Helena Motta:** eu estudei, me formei em artes visuais na UERJ, como artista. Bacharelado. Antes disso, eu já tinha dado umas voltas por aí para entender, para me entender. Ainda estou, na verdade, e acho que eu sempre estarei neste processo. A gente vai se transformando. Eu estive no Fundão, estudei na Belas Artes, só que em composição de interiores. Saí, larguei a matrícula, não cheguei a terminar. Me formei como atriz e também foi muito bom estar ali. Eu aprendi muito, eu entendi que dava para encerrar ciclos ali, sabe? Encerrar uma coisa que me propus a fazer: começo, meio e fim, mas eu não era feliz dentro do palco. Eu só ficava feliz quando a peça terminava e quando eu não errava nenhuma fala. Eu me cobrava muito e era meio desesperador e eu via as pessoas ao meu redor muito



Série Marieta  
2021  
70 X 190cm  
Stencil (tinta spray) sobre tecido  
Fotos: Chris, The Red (Rio de Janeiro/RJ, 2024)



feliz de estarem no palco e eu não estava e eu falei “Ah, acho que não é muito isso aqui”, mas foi importante, foi uma passagem importante e, finalmente, eu cheguei na UERJ e entendi que é isso. Eu sempre estive nas artes da cultura, mas tateando e quando cheguei na UERJ, falei: “cara, é isso aqui”, me entendi querendo fazer aquilo. Demorei um tempo para me reconhecer como artista. Só no final do curso que eu comecei a falar alto, tá? Eu estou me tornando artista. Eu estou estudando para isso e, no meu caso, essa validação institucional foi importante, mas eu entendo que isso não é um padrão e nem entendo que deva acontecer assim, eu acho que a gente pode se construir de várias formas, por vários caminhos. Mas, no meu caso, foi importante terminar a graduação e conseguir me chamar de artista e, ao mesmo tempo, entendi que gostava muito de estar dentro da sala de aula, pesquisando, lendo. Os debates dentro da academia sempre me estimularam muito e pensei: “bom, talvez, eu também possa aproveitar isso dentro de um mestrado e um doutorado e seguir também a área acadêmica”. E agora, eu estou no mestrado na UERJ, em artes visuais e tenho desenvolvido minha pesquisa, meus trabalhos a partir desse lugar de mestranda.

**CTR:** e seu trabalho, mesmo na graduação, ele já envolvia a questão de um olhar sobre o seu corpo, desta tangibilidade com a sexualidade, nas questões femininas ou isso veio depois?

**HM:** veio depois. Justamente porque eu demorei para engatar e me reconhecer como artista. Eu, em grande parte do curso, eu respondia aos estímulos que as aulas me causavam. Demorei um tempo para entender que

podia ser muito interessante ter uma linha de pesquisa. Eu demorei a entender o que me interessava e fui fazer um intercâmbio de mobilidade e cooperação internacional pela UERJ, em Portugal. Foi lá que eu comecei a entender a questão do deslocamento, dos caminhos, dessas trocas. É nos caminhos que a gente faz, é o caminhar fazendo sentido. Foi ali que eu comecei.

**CTR:** é daí que vem os lambes na rua?

**HM:** não. Ali, eu fui começando a entender essa história do caminho, das cartografias. Eu gosto muito da estética do mapa. Conversando com você, eu entendo que eu comecei de fora pra dentro, foi a ideia do mapa, deste deslocamento, dessa cartografia que podemos traçar através dos caminhos que eu fui me interessando e descobri onde eu queria trabalhar e lá, em Portugal, eu entendi que minha monografia sairia de lá. A Marieta também faz parte desta conclusão, deste trabalho de caminhar, de construir esse corpo e quando a Marieta começa a nascer, eu tinha essa ideia de que eu gostava do deslocamento e de estudar estes caminhos e essas cartografias, e aí, com o tempo e pensando sobre isso, eu fui entendendo que esse corpo é que se desloca, esse corpo é que está em movimento. Fui entendendo que pode ser interessante pensar nessa construção de identidade através do caminhar.

**CTR:** a Marieta, então, nasce em Portugal?

**HM:** a Marieta tem a gênese em Portugal.

**CTR:** fala mais sobre essa questão da Marieta. Se eu não estou enganado, ela foi feita durante a pandemia, não foi?

**HM:** praticamente, foi em 2020/2021.

**CTR:** a ideia da Marieta, podemos dizer assim, surge em Portugal, mas ela vai tomando, digamos, uma forma, uma presencialidade física, tangível, no Brasil.

**HM:** exatamente. A Marieta é essa junção de toda essas cidades por onde passei nesse período de intercâmbio e que eu entendi que foram importantes para essa construção desse corpo. É a materialidade disso. Então, eu desenho várias cidades que eu percorri nesse período e, a partir dessa fotografia, com esse corpo desenhado com os mapas, eu transformo isso num stencil e faço e levanto esse corpo-mapa que é a junção, é esse corpo que nasce, que se monta e ganha forma mesmo por causa desse caminhar.

**CTR:** por que o nome Marieta? Adoro fazer essa pergunta, pois todo mundo me pergunta: “por que Chris, the Red?”.

**HM:** ótima pergunta, adoraria saber depois também (risos). Eu acho que não sei se é o mesmo motivo do Chris, The Red, mas eu entendi a Marieta como um alter ego. No entanto, eu acho que ela não vá tomar conta de todo do meu trabalho e eu acho que eu não vou falar através da Marieta. Ela é uma série e é uma parte disso, mas enquanto ela estava nascendo, eu também escrevi passagens desse caminho. O meu grande desafio é como eu vou materializar essas minhas deambulações. Como eu vou transformar isso em trabalhos artísticos e tal? Essas situações, essas caminhadas e essa cartografia que eu vou fazendo, os meus trabalhos acabam sendo um reflexo disso. Todos esses lambes, a Marieta, o Autorretrato II e quando eu estava fazendo a Marieta, em paralelo, eu sentia necessidade de escrever um texto. Poder falar. Poder escrever sobre essa trajetória que eu percorri enquanto eu estava lá, em Portugal e, no finalzinho, no Leste Europeu e a personagem que faz essa travessia é a Marieta. Que obviamente, assim, pensando muito na

parte psicanalista, (eu falo muito da Marieta na minha terapia, por exemplo), ela é muito uma simbologia dessa mulher que foi crescendo, dessa mulher que ganhou o corpo. Que ganhou tamanho porque ela caminhou e se expôs, ela se colocou no mundo e ela foi. E esta é uma parte que quero muito publicar no futuro. Sobre este caminhar e a história da Marieta.

**Neste momento, Helena me conta sobre este livro que ela está escrevendo sobre a Marieta e sua estrada e para não termos spoilers por aqui, vamos deixar esta parte para quando o livro for publicado.**

**CTR:** muito interessante esta história da Marieta e me lembra muito a própria construção do Dr. Red e como essas personalidades foram contribuindo para construção da outra. Como Christian entende Chris, The Red e foi ajudando na construção do Chris, The Red e como este foi ajudando na construção de Dr. Red e o processo inverso também. Na minha própria dissertação do mestrado tem momentos que quem está escrevendo não é nem o Christian nem o Chris, The Red, é o Dr. Red. Então, tem outra linguagem, outras relações com a sexualidade, outras relações com o próprio corpo e com a própria construção.

**HM:** e tem alguma coisa que marca esta diferença de quem fala, tipo fonte, aspas...?

**CTR:** sim, mas não apenas a tipografia, mas a própria escrita.

Quando o Christian ou o Chris, The Red estão escrevendo, é uma linguagem mais estruturada, com pontuação, parágrafos. Quando é o Dr. Red, não tem parágrafos, é um texto corrido onde os pensamentos, inclusive das pessoas que foram para a cama com Dr. Red vão entrando. Não há uma preocupação neste processo ABNT de escrita. É uma grande suruba...

**HM:** que o Christian e o Chris, The Red participam...

**CTR:** exatamente! O Dr. Red interrompe o tempo todo. Ele manda o Chris, The Red calar a boca e tudo mais e eu fiquei pensando, em que momento a Marieta interfere na Helena artista que começa a se ver em um trabalho que envolve a questão da sexualidade, do corpo. Quando é que a Marieta mexeu na Helena nesse sentido. Por enquanto a Marieta só está nesta obra ou ela já participou de alguma outra obra sua?

**HM:** eu acho que a Marieta está no texto. Eu acho que o Autorretrato II é esse corpo. A gente entende que é a artista ali dentro, né? Mas também é a Marieta que também é artista e que também está ali presa. Ela também é aquele corpo preso dentro da caixa de acrílico. Ela é essa personificação. É uma pergunta que eu não sei te responder perfeitamente, mas eu acho que ela é uma parte. Como eu falei, eu acho que ela não vai tomar conta, eu não vou falar por ela, mas ela sempre vai estar comigo porque ela é este corpo que se colocou em movimento. E pensando nessa questão tanto de gênero quanto de sexualidade, eu acho que a Marieta me ajudou a entender que é um corpo em movimento porque eu comecei a entender os meus interesses. A partir desta ideia do caminhar, dessa ideia de se deslocar e de fazer essa cartografia nesse

espaço. Mas, a partir da Marieta, também entendi que há um corpo que se desloca nesse espaço. E com os lambes, começo a entender que é um corpo feminino, é uma mulher, uma mulher branca, é uma mulher artista, classe média que está ali. E a partir disso, principalmente dos lambes, é que eu começo a entender que isso não pode ser ignorado: é um corpo e é um corpo com as suas especificidades. Na Marieta, em relação à sexualidade, ainda pensando na questão gênero/sexualidade, ela me ajuda a enxergar um pouco disso, mas não a partir da obra comigo, é mais da relação dos outros com a obra. Esse fator da sexualidade é jogado na minha cara quando alguém me pergunta se eu estou nua, se esse corpo sou eu. Esta curiosidade dos visitantes de perguntar se sou eu e se eu estou nua e se essa fotografia foi tirada nua joga na minha cara esta sexualidade e que eu não desenvolvi pensando nisso, mas que é outro aspecto que eu não posso ignorar.

**CTR:** que é aquilo que a gente estava comentando antes da entrevista, que é uma artista mulher dentro de um sistema que é extremamente machista. Então, quando a pessoa pergunta se é você e se você está nua, quem fez a foto é muito mais para alimentar um voyeurismo machista, uma objetificação do seu corpo.

**HM:** exatamente.

**CTR:** não interessa se você estava nua ou não. Quando vejo esta obra, me interessa muito mais saber a história da Marieta. Descobrir quem é a Marieta. E o que acho interessante é quando eu vi esta obra pela primeira vez, lá na exposição do COART, na UERJ, eu não identifiquei de imediato que eram mapas e quando percebo que são mapas dentro de um corpo que pode ser entendido como feminino, que não necessariamente é feminino, é que fui entendendo as outras dimensões da obra e te ouvir falar agora sobre a construção

desta obra, isto se aprofunda e vai para muitas outras camadas mais interessantes do que saber se é você ou não. E acho incrível quando descubro que são mapas.

**HM:** e eu uso as cores de mapas topográficos que medem o relevo. Então, até 100 metros é um verde claro e aí vai para as cores quentes que são altas altitudes. Então, é como se fosse a Marieta em alto relevo.

**CTR:** e a Marieta é totalmente quente.

**HM:** exatamente, tem isso também. Totalmente quente e sobre aquela questão que me fazem se sou eu, em momento nenhum eu fiquei ofendida ou chateada, mas quando me perguntam se sou eu e se eu estava nua e, geralmente, são homens, e naquela hora eu estou do lado da obra de roupa, eu me sinto despida. Na hora, eu me sinto despida. Eu sinto que essa pessoa está me vendo nua e não é sobre isso a obra, mas ao mesmo tempo é porque é o meu corpo e se eu trabalhar com o corpo, eu tenho que entender que isso vai passar pela cabeça das pessoas. As obras têm vários atravessamentos, né?

**CTR:** estava me lembrando daquilo que estávamos conversando no carro vindo para cá sobre a nudez e como as pessoas imediatamente associam nudez a sexualidade, ao sexo.

**HM:** exato, exato.

**CTR:** e isso é um problema da nossa formação sexual que colocou a nudez neste espaço de que um corpo nu está convidando a uma prática da sexualidade e que não é. Um corpo nu só deve ser levado a uma prática da sexualidade quando ele vem junto de um consentimento, do contrário, é um corpo nu.

No entanto, as pessoas, principalmente, homens se sentem confortáveis em lhe perguntar se é você por se sentirem legitimados por esta formação que associa nudez ao sexo. Mas queria te perguntar: e sobre o lambe, como ele surge?

**HM:** então, eu vou para a Marieta, a gente passa por um momento de pandemia. Onde eu sou uma artista que trabalha sobre ir pra rua e que fala sobre ir pra rua e que está presa dentro de casa e é aí que eu faço o Autorretrato II...

**CTR:** o Autorretrato II é um fruto da pandemia?

**HM:** é um fruto da pandemia. Desse corpo preso. Eu vou para a rua começar a entender como é que eu posso fazer isto porque, até então, eu estava fazendo um trabalho onde eu estava na Europa, passando por várias cidades e agora, pós-pandemia, como eu posso falar sobre isso no lugar que eu vivo, que é o Rio...



**CTR:** ...tão diferente daquele contexto.

**HM:** ... e são outros atravessamentos e eu acho que é exatamente aí porque quando você é turista em um lugar muito alheio, você é um corpo exposto. Ponto. Eu não entendia, talvez muito na superfície, que eu tinha mais vulnerabilidade do que homens fazendo aquilo, mas eu acho que foi muito importante naquela época não pensar sobre isso, porque se eu pensasse muito, eu não faria. Então, o fato de eu estar ali em negação da minha realidade me fez ter coragem de fazer, de ficar 3 semanas andando pelo Leste Europeu, de andar de ônibus, dormindo em quarto de hostel compartilhado com outros homens, em lugares onde a linguagem, a escrita era completamente diferente do que eu conheço, mas eu não ter consciência das minhas vulnerabilidades foi muito importante naquele momento. A partir do momento que eu estou no Rio, que é um lugar que eu tenho muita familiaridade, é que eu me sinto insegura porque lá, por mais que eu estivesse apreensiva, eu não me senti insegura (que louco, né?) E aqui, eu me sinto. Eu moro no Grajaú, que é um bairro essencialmente residencial, ruas muito largas, calçadas largas, muitas árvores e muita casa e não é um bairro de passagem. As ruas são todas paralelas, cortadas, transversais e muito iguais. Então, quem entra lá e não conhece, acha que todas as coisas são iguais. Labirintos. Eu já ouvi algumas vezes as pessoas dizendo que se sentem segura lá e isto é surreal, pois não é.

**CTR:** os lambes foram feitos no Grajaú?

**HM:** também e na UERJ e no Maracanã, que são todos esses lugares que eu tenho a familiaridade.

E Teresópolis porque a minha dissertação conversa com a cidade de Teresópolis e eu estou procurando fazer links desses lugares e eu vou pra para as ruas desses lugares que eu tenho uma certa familiaridade e eu comecei a andar nas ruas e comecei a pensar como eu estava me sentindo ali e a me questionar sobre como as pessoas que estão ali estão se sentindo.

**CTR:** os lambes são textos com perguntas, certo?

**HM:** isso. É tipo: você se reconhece nos lugares que você anda ou está no automático? Na verdade, quando você está viajando, todos os seus poros estão abertos porque você já está atento para não se perder numa rua. Mas eu aqui, no Rio, fico desligada. Tipo, se você me largar aqui, eu óbvio que eu vou chegar, porque eu conheço o Rio, então, eu vou chegar, mas pode demorar e quando você está viajando, está mais aberto porque você está muito mais sensível. E eu comecei a entender que é a minha casa, são os lugares que eu conheço e eu não ficava sensibilizada nesses lugares. Será que as pessoas que passam por esses lugares todo dia ficam? Eu comecei a querer provocar isso, tipo provocar como você se sente aqui? Você se reconhece nesse lugar? Você sabe que está aqui? Também conversa muito com o fato de eu ser muito ansiosa. Minha cabeça acelerada, então, eu tenho dificuldade de estar no presente, tenho dificuldade de respirar. Eu estou aqui agora, sem pensar no que eu vou fazer daqui a 2 horas. Sem pensar no que eu tenho que escrever amanhã. Sabe? Estar aqui conversando com você. Nesse momento, a obra também conversa muito sobre a gente estar presente nos lugares e quando eu vou para a rua e boto essa questão, provoço as pessoas: vocês se sentem bem aqui? Vocês se reconhecem aqui? E começo a questionar sobre essa pergunta e quando eu me percebo naqueles lugares, eu não me sinto segura, principalmente, nas horas de fazer as intervenções.



Como  
você se  
sente  
aqui?

Co  
você  
se  
aq

Como você se sente aqui?  
2022  
297mm x 420 mm  
Serigrafia/Lambe-lambe  
Foto: Helena Motta

73

NATUREZA CANTO DE

Você se sente segura aqui?

Eu sinto todos os olhos em cima de mim. E é interessante ver essa relação de ir para a rua com uma amiga e ir com meu companheiro. Com a amiga, a gente sente nossa energia ali, sem precisar falar, a gente sabe que está tenso. Diferente de quando eu vou com meu companheiro, um homem de quase dois metros de altura e ele me passa muita calma. Essa dicotomia de com quem eu vou pra rua e como eu me sinto nos lugares, começou a passar na minha cabeça e eu vou para o segundo lambe, *Você se sente segura aqui?*, que eu falo diretamente com as mulheres.

**CTR:** interessante chamar atenção que quando você escreve segura, não necessariamente você está falando somente de mulheres sob o ponto de vista biológico, mas também de todas as pessoas que se entendem enquanto mulher, pois as mulheres trans são tão passíveis desta violência quanto as mulheres cis, inclusive, homens que possuem uma identidade muito mais próxima de um de uma construção feminina.

**HM:** sim, porque é exatamente isso, né? Quem é que pode se sentir segura nos lugares e quem não pode? E por que essa pergunta? Eu fico pensando, por exemplo, um homem cis passando por esta pergunta, será que ele vai se questionar ou pensar: "ué, mas uma mulher não pode se sentir segura aqui?". Por que essa pergunta? Não sei, eu espero que os homens se sintam questionados quando passam pelos meus lambes.

**CTR:** quem é mais safada: a Helena ou a Marieta?

**HM:** isso é muito engraçado porque essa pergunta cabe muito, mas não na Marieta. Eu acabei de perceber que eu fragmento a minha persona desde sempre porque meu nome é Maria Helena e eu, na terapia,

já trabalhei muito quem é a Helena e quem é a Maria. E a Maria é mais frágil, ela é mais carente, mais dependente. Ela se entrega para a relação e ela desmonta. Já a Helena é essa mulher solteira, puta pra caramba. Ela é dona do corpo dela. Ela não fica esperando a ligação no dia seguinte e é louco como, principalmente, nas relações, durante muito tempo elas oscilavam. Estou solteira, era a Helena e começava a namorar, eu caía na Maria. E acho que eu consegui juntar a Maria Helena com 34 anos e a Marieta entra mais recentemente, mas eu posso te dizer com nenhuma certeza porque eu não tenho certeza de muita coisa, mas acho que a Maria Helena é bem mais safada.

**CTR:** e deixa eu te perguntar, a obra o Autorretrato II, além daqui, ele já esteve no COART, na Fábrica Bhering e, no final do ano passado, no Cabaré da Jacke, na exposição do Ars Sexualis. Como é que é a relação desse mesmo trabalho em espaços tão diferentes? Tipo, aqui no Espaço Cultural dos Correios, que é mais atrelado ao sistema de arte. Essa coisa da higienização, do cubo branco e lá, no Cabaré, onde toda a ideia de sexualidade estava muito presente por fazer parte de uma exposição que era sobre a questão da sexualidade, do corpo.

**HM:** de uma forma geral, primeiro antes de pensar na parte da sexualidade, eu tenho a sensação de quando ele vai pra galeria, para este espaço higienizado, ele perde um pouco de força porque é uma peça que já suou pra caramba, já babou no interior da caixa. Ele já molhou, ele se mexe. Ele já ficou também no Hélio Oiticica e foi lá com o sol batendo direto que a argila soltou muita água. Ficou meio que uma estufa, ficou um organismo vivo ali dentro e agora aqui, essa água seca, esse corpo meio que fica rígido e está ali assim. E quando ele foi para o Cabaré, ele estava em um espaço que não era um cubo branco, tinha muito mais informações, outros elementos que puxavam a atenção, mas quando chegava e olhava para

ele, ganhava outras formas no Cabaré. Foi no meio da pandemia que eu entendi que gostava de caminhar e eu estava presa naquela casa, naquele quarto, só que eu ainda estava existindo ali, então eu ainda estava tendo crises de ansiedade. Eu ainda estava desenhando, eu ainda estava estudando online, então, eu estava acontecendo, e aquelas paredes dela estavam sendo marcadas. Originalmente, eu tranquei essa peça de argila ainda fresca. Ele é uma ramificação do trabalho *Ariadne Sísifo Hermes*<sup>1</sup> que é um vídeo que eu fiz na pandemia. Então, eu tranco essa peça de argila ainda fresca dentro dessa caixa de acrílico, ele está trancado, ele não pode sair. Foi vedado e eu tinha a ideia, pensando na questão da cartografia, desse caminhar. Eu tinha a ideia de fazer essa cartografia marcar, nessa caixa de acrílico, o caminho entre a UERJ e o Grajaú, minha casa. Então, eu fui de carro e essa peça, batendo nas paredes, foi marcando esse caminho. Com o passar do tempo, ele começou a existir no mundo. Assim, com o passar do tempo, é um autorretrato e uma peça viva ali dentro. Uma materialidade orgânica viva. Ele começou a existir ali dentro, então, eu o transportava e ele continuou marcando aquele espaço. Ele continua existindo e se transformando e foi ganhando muito mais camadas para além daquela cartografia inicial. Foi ganhando mais força, de fato. Um corpo preso no espaço, mais um corpo vivo, que existe. E quando você fala do cabaré e pensa nesta questão da sexualidade e durante a pandemia, durante muito tempo eu anulei completamente os meus desejos, a minha sexualidade, as minhas vontades por uma questão de sobrevivência.

Minha mãe é grupo de risco e como morava com ela, eu não queria trazer alguém para dentro de casa e eu fiquei sem transar por mais de um ano e isto foi muito tempo para mim. Eu não me masturbava porque eu não queria mexer naquilo ali. Eu não queria acordar aquilo ali e pensar nele, no Autorretrato II, que também sou, é meu corpo ali dentro, que é corpo babado, que tem lubrificação, que tem secreções e que está ali e eu tenho a possibilidade de enxergar isto muito mais no Cabaré do que aqui. E é interessante que estas duas obras, a Marieta e o Autorretrato II, pensando na questão da sexualidade, para mim, elas me trazem a sexualidade de duas formas completamente diferente porque eu entro em contato com a parte da sexualidade na Marieta a partir do momento que as pessoas me abordam sobre eu estar nua, sobre se é meu corpo. Quem tirou essa foto e se eu estava nua na hora da foto? E aí eles me lembram, esse corpo erótico, esse corpo de mulher; e no Autorretrato II, eu estou sozinha. Então, eu penso na questão da sexualidade do meu corpo comigo, do meu prazer de eu estar lubrificada, de eu estar molhada, de eu estar ressecada, de eu estar ali dentro, sozinha, pensando no meu prazer.

**CTR:** ninguém nunca te perguntou se você estava nua no *Autorretrato II*.

**HM:** não, nunca.

**CTR:** só para finalizar, quando eu estava falando da questão da sexualidade e tudo mais e pensando na trajetória da revista, da [pós]CORPOS, muitas vezes já fui perguntado, dependendo do ensaio, "onde está a sexualidade?", justamente por conta da nossa formação e construção de sexo, sexualidade e isto me faz pensar justamente no fato de que você nunca foi perguntada sobre esta questão em relação a obra *Autorretrato II* como já lhe perguntaram em relação a *Marieta*.

**HM:** exato, sim.





Helena, Marieta e seu  
Autorretrato. Foto: Chris,  
The Red. Rio de Janeiro/RJ  
(2024)

**CTR:** porque essa questão do que é explícito ou do que é implícito tem muito a ver com o que eu tenho pesquisado e desenvolvido em relação a Pornossexualigrafia que é justamente romper com esta dicotomia em relação às artes das sexualidades para que ela não esteja mais neste espaço de isto ou aquilo, de erótico ou pornográfico, de explícito ou implícito e por aí vai.

**HM:** exato e eu acho que a gente também pensa muito os nossos trabalhos a partir da provocação externa, seja do jeito que ela for, então, eu começo a me perceber como uma mulher artista na rua e entender que isso tem importância justamente quando eu vou para a rua e esses atravessamentos acontecem. Essas vulnerabilidades são escancaradas na minha cara e eu preciso pensar em relação a isso e eu preciso levar isso em consideração, como por exemplo, a questão do gênero. E quando me perguntam se eu estou nua ou não, isto também é jogado na minha cara, é o meu corpo ali e ele vai atravessar cada um de um jeito. Então, existe essa possibilidade também de alguém olhar e perguntar: "é você?".

**CTR:** bom, acho que é isto. Vamos fazer umas fotinhas?

**HM:** vamos.

**Helena Motta.** Artista Visual e pesquisadora. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Artes da UERJ/PPGARTES-UERJ. Carioca, nascida e criada na cidade do Rio de Janeiro e muito interessada na relação de cada indivíduo com os lugares que ocupam, percorrem, convivem. Entende o caminhar como forma de construção de identidade e se percebe uma artista andante. Tem como proposta de trabalho se colocar a deriva nas ruas das cidades que pesquisa e a partir disso, desenvolve trabalhos em diferentes linguagens artísticas que traduzam os encontros gerados de suas deambulações.



@helenaandante

# ENSAIOS PORNOSEXUALIGRÁFICOS

Rio de Janeiro, 17 de maio de 2023

83

Oi, Órion.

Hoje, escrevo esta carta para você de uma outra cidade, não a mesma cidade quando nos falamos pela primeira vez. Da mesma forma, você a recebe vivendo em outra cidade diferente daquela onde conversamos pela primeira vez. Naquela época, eu estava em São Paulo e você, em um sítio próximo de Campinas. Estávamos em quarentena. Hoje, estou morando no Rio de Janeiro (Brasil) e você, em Paris (França). A pandemia terminou oficialmente. As pessoas voltaram a poder se reencontrar, se reunir em festas, shows, museus, em casa, mas não deixo de pensar nos caminhos que tomamos e que nos levaram a estas diferentes cidades que estamos hoje e que o estopim para esta mudança foi as nossas artes, mas com diferentes reações sobre nós e nossas corpos. Me mudei para o Rio de Janeiro para acompanhar meu companheiro que passou para o mestrado em artes na UERJ e onde também agora estou fazendo o meu doutorado. Você foi para Paris para continuar vivo, existindo. A mesma cidade que hoje eu busco desenvolver meus estudos e está abrindo outros caminhos para mim no Brasil é a mesma cidade que se deu início o seu processo de buscar refúgio em outro país, longe das pessoas amigas, da família, do seu lar. O mesmo Rio que hoje me acolhe, é o mesmo que te exilou. As mesmas pessoas que hoje me congratulam são as mesmas que lhe negaram apoio. E não deixo de pensar no quão hipócritas são as pessoas e o CIS-tema de arte que se utilizam de narrativas inclusivas para ficar bem na matéria de capa da revista, mas nas notas de rodapé estão vivendo o mundo no limite dos próprios umbigos sem perceber o quanto os próprios atos podem mudar radicalmente a existência de uma pessoa que precisou se refugiar em outro país para estar vivo. Nada disso é justo. Nada disso é humano. Ou a arte se humaniza ou estaremos fadados para sempre aos exílios. Seja em nossas próprias casas, torcendo para quem não descubram nossos endereços e não joguem fogo em nossas portas, seja em casas de estranhos em outros países. Espero um dia poder te encontrar e te dar aquele abraço que ainda não foi possível. Espero te encontrar com nossas corpos desnudas e fazermos artes, as mais gostosas, as artes das putarias, as que abalam essa “gente careta e covarde” (Já cantava o poeta).

Um grande, forte e gozoso beijo.

Chris

# Carta Para Órion

fotos por Bruno Novadvorski  
concepção por Chris, The Red

“Ao meu ver, o primeiro passo é falar de sexo. E ainda temos muito chão pela frente.

Ah, o sexo.

A matéria prima. Do gozo. De vida e morte. Como o ocidente cristão se relaciona com todas essas palavritas?”

Órion Lalli





















ÓRION LALLI

A  
CHAVE  
DE  
CASA  
EU  
GUARDO  
ONDE  
?



**Órion Lalli.** Ativista político (reconhecido pela Front Line Defenders), performer, artista visual e ator profissional com formação teatral e experiência na área de pesquisa em artes cênicas. Desde 2005, sua pesquisa tem como foco a intersecção e influências entre Dança-Teatro e Arte Performance. Em 2020, foi censurado pelo governo brasileiro, perseguido e teve sua vida ameaçada. Lalli foi acusado de crime por “vilipêndio religioso” por deputados do partido político de Bolsonaro. Em 2021, fez parte do webinar: “Falando a Verdade ao Poder: Artistas de Minorias Religiosas ou de Crença, Voz e Protesto” organizado pelo Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) e pela organização dinamarquesa FREEMUSE. Em 2021, participou da Conferência Safe Havens organizada pela Safe Havens (SH|FT) e Freedom Talks. Após esse acontecimento, as ameaças se intensificaram e ele teve que deixar o Brasil para pedir asilo político. Desde 2022, é reconhecido como refugiado político pelo governo francês.



[www.orionlalli.com.br](http://www.orionlalli.com.br)



@orionlalli/

**Bruno Novadvorski.** Artista visual, curador, crítico de arte, pesquisador. Mestrando em Artes pelo PPGArtes - UERJ. Bolsista FAPERJ - Nota 10. Bacharel em Artes Visuais pelo IA-UFRGS (2021). Coidealizador e coorganizador do Ars Sexualis - Seminário Internacional de Artes Visuais. Inicia sua carreira artística no ano de 2013 com a exposição individual Desenhos por Bruno Novadvorski, curadoria Silvia Teske, Brusque (SC). Desde então, já participou de exposições em cinco estados brasileiros. Atua como curador de mostras e exposições de Arte Contemporânea desde 2019 com a curadoria da exposição Que nome é que se dá? #01. Seu último trabalho curatorial foi na equipe curatorial da exposição Ars Sexualis em Excesso Necessário (2023), no Rio de Janeiro. É membro do Grupo de Nervo Crítico, coordenado pela Profa. Bruna Fetter (DAV/IA/UFRGS), grupo que tem como objetivo a produção de crítica de arte. Suas pesquisas acadêmicas entrelaçam a prática artística e sua reflexão teórica com a prática da crítica de arte. Como artista se utiliza de diferentes linguagens artísticas deixando-se levar pelas urgências do presente frente ao seu corpo e suas relações com a nudez e sexualidade



@etraeuconoded



[brunonovadvorski.com.br](http://brunonovadvorski.com.br)

**Tem um ensaio pornossexualigráfico (pornográfico, erótico, pós-pornográfico, explícito, metafórico e afins)? Envie seu ensaio entre 05 a 10 imagens e se ele for aprovado, será publicado em uma das edições da [pós]CORPOS.**

**Acesse e preencha o formulário:**

<https://forms.gle/Fsbu8BpnWDDGu3iYA>

